



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 12 – Ano VI – 10/2017  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## REDES E ARRANJOS PARA UM DESENVOLVIMENTO EM ESCALA HUMANA: O CASO PROJECTO QUERENÇA

Felipe Borborema Cunha Lima

Mestre e Doutor em Turismo e Hotelaria (Universidade do vale do Itajaí – Univali, com estágio sanduíche financiado pela CAPES na Universidade do Algarve - UAlg) Pós-Doutorando em Patrimônio Cultural e Sociedade (Universidade da Região de Joinville – Univille) e Membro da Cátedra da UNESCO

<http://lattes.cnpq.br/1836949723073639>

E-mail: [felipebcl2@hotmail.com](mailto:felipebcl2@hotmail.com)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yolanda Flores e Silva

Docente e Pesquisadora com formação em saúde e antropologia.

Estágio Sênior Pós-Doutoral em Turismo com bolsa CAPES (Universidade do Algarve – UAlg). Bolsista Produtividade (CNPq – PQ2)

Docente/Pesquisadora nos cursos de Bacharelado em Gastronomia e Turismo e Hotelaria e no Mestrado Profissional em Saúde e Gestão em Saúde. (Universidade do Vale do Itajaí – Univali).

<http://lattes.cnpq.br/5344296091176496>

E-mail: [yolanda@univali.br](mailto:yolanda@univali.br)

**Resumo:** Esta comunicação apresenta os resultados da tese de doutorado sobre a análise da formação de redes e parcerias na organização de arranjos produtivos turísticos do *Projecto Querença* e sua contribuição para o desenvolvimento em escala humana da aldeia de Querença-Portugal. O percurso metodológico adotado foi interpretativo antropológico, baseado em Geertz, com procedimentos de coleta de dados bibliográficos, documentais e humanos de caráter exploratório. Posteriormente a análise confrontou os dados coletados com o material proveniente da observação *in loco*. Os resultados apontam que a formação de redes e parcerias contribui na formação de arranjos produtivos de distintas naturezas; empoderamento

individual e coletivo levando ao desenvolvimento local e humano de forma sustentável; revelou novas potencialidades econômicas respeitando a vocação territorial, como o turismo comunitário; e, que este formato de proposta quando articulado coletivamente auxilia na discussão e elaboração de políticas públicas importantes para o turismo e outras áreas da sociedade.

**Palavras-chave:** Turismo Comunitário. Redes. Arranjos Produtivos. Desenvolvimento Local e Humano.

## **Introdução**

O turismo recebe inúmeras críticas de como os megaempreendimentos e o turismo de massa, impactam negativamente o local e a sua população, como adverte Barbosa (2011), quer seja pela apropriação indevida das terras, desvalorização cultural e degradação ambiental, muito embora exista como entender a atividade turística como uma possibilidade de inserção no mercado. A autora sugere ainda que uma comunidade pode repensar a atividade turística e desenvolvê-la de forma diferenciada, organizando-se a partir de associações, que busquem beneficiar seus membros, através da luta pelos interesses comuns sem abandonar o modelo de sociedade onde estão inseridos.

Nesse sentido Coriolano (2006) observa que o turismo pode ser desenvolvido por dois eixos básicos: um turismo convencional que adota um posicionamento de acordo com o mercado econômico, que visa essencialmente o lucro e a acumulação de bens; ou assumir uma forma alternativa, que embora também vise ao lucro, inserem seus participantes em um contexto de discussão coletiva com iniciativas de organização e execução a cargo de associações e/ou cooperativas, onde o turismo é entendido como uma alternativa econômica sem que para tal se eliminem as atividades tradicionais desenvolvidas por estes no seu cotidiano.

Seguindo essa linha de raciocínio, Coriolano *et. al.* (2009) ressaltam que o turismo comunitário (TC) é uma atividade associativa, planejada e controlada pela comunidade, por meio de um desenvolvimento participativo e uma gestão integrada dos arranjos produtivos locais, e por manter o controle efetivo sobre as terras e a exploração do turismo, esses arranjos fortalecem também as atividades econômicas pré-existentes na localidade. Evidenciam-se também ações que procuram proteger

as propriedades dos residentes, a geração de trabalho, valorização dos empreendimentos locais e dinamização do seu capital, e a inserção dos jovens e das mulheres no processo.

Para Parent, Klein e Jolin (2009) embora ocorram muitos problemas na organização do TC, a necessidade de superar as adversidades nas pequenas comunidades, faz com que este formato seja visto não apenas como alternativo, mas também, como uma possibilidade mais permanente e de longa duração. O TC, portanto, tem por base e princípios, assumir um formato onde a acumulação de bens não é o mais importante, sendo o contexto geral mais significativo, algo descrito por Hoener (2008) como outro modo de fazer turismo, com equilíbrio das atividades turísticas, associando desenvolvimento econômico, proteção ambiental e satisfação de turistas e residentes.

Apresentaremos, portanto nesse artigo uma compilação de dados fruto da pesquisa realizada para tese de doutorado cujo objetivo principal foi analisar via *Projecto Querença* (PQ) as influências das redes e parcerias solidárias na formação de arranjos produtivos, incluindo-se o turismo em seu formato comunitário, capazes de sustentar financeiramente a população da aldeia de Querença e levá-las a um desenvolvimento local e humano segundo a perspectiva de Max – Neef (2003). Nesses contextos as atividades turísticas são associadas com outras atividades e modalidades de turismo desenvolvidas com vertentes interculturais e interdisciplinares.

A base da pesquisa está associada à discussão sobre as relações na formação das redes e parcerias do PQ e como esta proposta conseguiu com suas ações coletivas diminuir a desertificação populacional, criar novos arranjos produtivos e trazer novos moradores e visitantes para conhecer a realidade local e auxiliar na organização de empreendimentos relacionados às atividades tradicionais da comunidade.

Justificou-se a importância desse estudo na premissa de que são insipientes as pesquisas realizadas no Brasil e em Portugal de propostas como o PQ, sobre redes e parcerias solidárias (privadas e públicas) com uma gestão de políticas solidárias de proteção, suporte e desenvolvimento de arranjos produtivos como o turístico (entre outros), voltados a nosso ver, para o empoderamento individual e

coletivo de pessoas que vivem em lugares com risco de ‘desertificação populacional’.

Nesse sentido estudar, refletir, discutir e apontar como o estudo de redes e parcerias solidárias pode auxiliar no desenvolvimento de um destino com o resgate e preservação dos recursos naturais, culturais e econômicos, foi à premissa desta investigação cujo objetivo geral foi o de: analisar via *Projecto Querença* a formação de redes e parcerias na organização de arranjos produtivos turísticos e sua contribuição no desenvolvimento local e humano da aldeia de Querença, no sul de Portugal.

### **Percurso Metodológico**

Esta pesquisa teve por base a teoria interpretativa de Geertz (2008) cujos estudos focam na abordagem antropológica de natureza exploratória para coleta e análise de dados. Para Denzin e Lincoln (2006) as pesquisas com abordagem antropológica compreendem um conjunto de atividades interpretativas que podem dispor de distintos modelos metodológicos. Na perspectiva assumida na pesquisa realizada, associamos a etnografia ao estudo de caso. Um estudo de caso, segundo Goode e Hatt (1979) deve ser realizado quando se deseja organizar as informações coletadas preservando o caráter ‘unitário’ do objeto investigado.

A pesquisa foi realizada em Portugal na região do Algarve e foi construída em três etapas: 1- em 2013, uma apresentação da pré-proposta para os membros do *Projecto Querença* e da Universidade do Algarve; 2- em 2014 a apresentação formal do projeto já qualificado em banca no Brasil, e 3- entre os meses de janeiro a junho de 2015, o período de imersão para a realização da pesquisa de campo propriamente dita, etapa esta que contou com apoio da CAPES que concedeu uma bolsa ‘sanduíche’ para realização da investigação.

No total foram realizadas 40 entrevistas formais com uso de um roteiro semiestruturado e observação participante, com posterior descrição no diário de campo. Os aspectos observados e analisados tiveram como guia o roteiro de avaliação de empreendimentos rurais comunitários do projeto “Vivências Brasil” (Ministério do Turismo, 2009: 10) sendo este adaptado à realidade portuguesa,

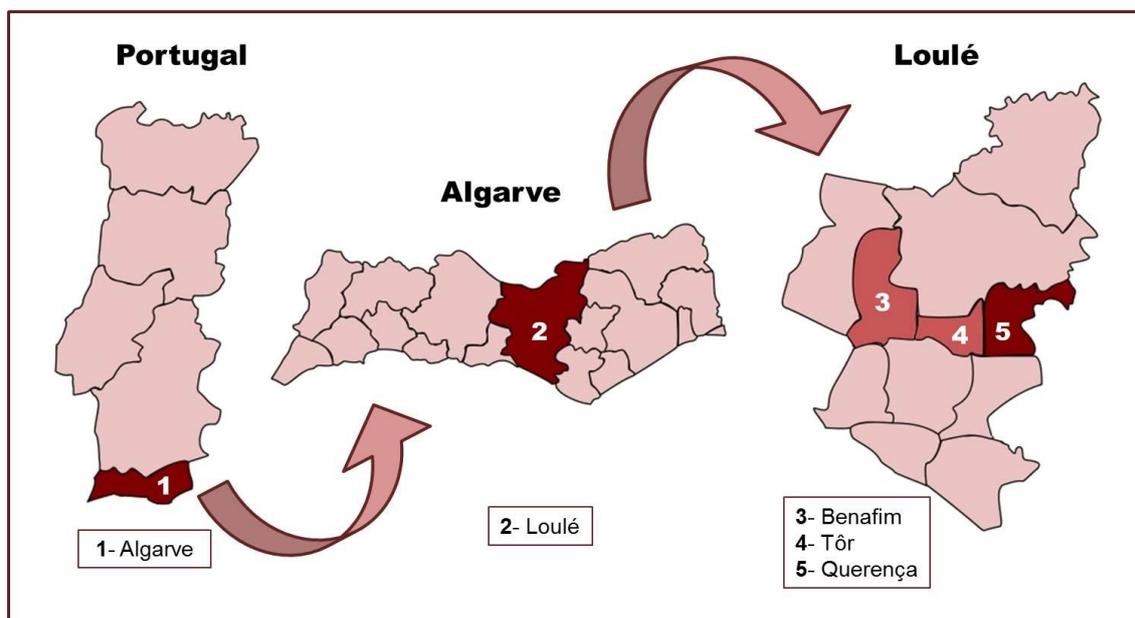
resultando nas seguintes categorias: Aspectos de Gestão, Aspectos de Infraestrutura, Aspectos de Certificação e Segurança, Aspectos de Formação e Qualificação, Aspectos de Envolvimento da Comunidade e Aspectos de Parcerias.

As análises foram realizadas segundo Geertz (2008) por comparação entre a coleta *in loco* (entrevistas e observação) e a coleta documental/bibliográfica. A técnica envolve uma descrição densa com a construção de interpretações para o discurso dos informantes considerando a correta descrição dos dados brutos, a identificação de descritores ou palavras-chaves que respondam diretamente ao objetivo e por fim a análise contextual de padrões recorrentes de respostas mostrando os temas que submergem das respostas dos informantes, observações do pesquisador e documentos/bibliografias, mostrando os que se interligam ou não ao problema e objetivos da pesquisa. No tópico a seguir a temática que formatou a reflexão teórica realizada para discussão dos resultados da investigação realizada.

### **Querença – a aldeia e o projeto**

A pesquisa foi desenvolvida no Algarve, no *Concelho* de Loulé, na Freguesia de Querença, que em 2012, com base na Lei nº 22/2012, foi reagrupada a outras duas freguesias originando a '*União de Freguesias de Querença, Tôr e Benafim*' (Figura 01). O Algarve é uma região localizada segundo Santos (2013) no extremo sul de Portugal continental cuja área corresponde a 5% do território nacional, onde grande parte de sua população encontra-se no litoral, área que concentra os serviços voltados para a atividade do turismo. Sob essa ótica, quanto mais distante do litoral, mais as zonas do interior são vistas como isoladas e inóspitas. Fonseca (2014) aponta diversos autores que retratam a serra como sendo um lugar atrasado, deserto, de importância social e econômica irrelevante, cuja população é descrita como pobre e que tira seu sustento do que a terra pode oferecer.

**Figura 01: Localização do Universo da Pesquisa**



**Fonte:** CUNHA LIMA (2016)

Como resultado direto de uma economia fraca, baseada na agricultura de pequeno porte e na pesca artesanal (sub-região litorânea) foi observado em Querença um êxodo em massa, originando um processo de desertificação populacional agravado pelo envelhecimento dos habitantes e o decréscimo da taxa de natalidade. A reunião desses fatores é apresentada na fala de Fernandes (2013) que nos leva a entender, a necessidade de se desenvolver atividades que revelem e dinamizem o interior de Portugal e mais especificamente o *Concelho* de Loulé e Querença, integrando os residentes com visitantes, por meio da interação, partilha da cultura local e do patrimônio histórico e natural.

Para atingir o objetivo de fomentar atividades que proporcionassem um desenvolvimento da região e mais especificamente a aldeia de Querença surgiram os Fóruns da Aldeia, reuniões e debates com o intuito de discutir os problemas da região e como seria possível atingir uma solução viável. Essas reuniões segundo Covas e Covas (2013) tinham como principais pontos norteadores, encontrar formas para minimizar o despovoamento; valorizar os diversos recursos do território; imprimir um processo de mudança, eficiente e produtivo na aldeia; buscar criatividade e inovação através dos conhecimentos e saberes da cultura local e como inserir a universidade e os jovens recém-formados dela nesse processo.

*Projecto Querença*, portanto surge com o objetivo de criar novas possibilidades econômicas e sociais para a comunidade através das atividades que já eram desenvolvidas no local, como agricultura, doçaria e artesanato. Fonseca (2014) descreve que a experiência piloto foi desenvolvida em três etapas trimestrais, contudo Covas e Covas (2014, p. 188) afirmam que o PQ “segue um método particular de intervenção territorial” e a sua execução requer não apenas desenvolvimento do projeto propriamente dito, mas também de uma fase inicial, o pré-projeto, de construção metodológica, primeiros contatos com a comunidade e entidades parceiras, escolha de um coordenador e dos estagiários, entre outras, e posteriormente, o pós-projeto, que tem como foco a consolidação das ações sociais, simbólicas e empresariais, além da avaliação de todo o processo.

Em 2011 é lançado à primeira etapa do projeto, “Da Teoria à Ação – empreender o mundo rural”, elaborado pela Fundação Manuel Viegas Guerreiro em parceria com pesquisadores e docentes da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, que passou a ser mais conhecido simplesmente por *Projecto Querença* (FMVG, 2011). Dos 80 inscritos, foram selecionados 30, os quais após entrevistados originaram o grupo final composto por 09 jovens de diferentes áreas, que passaram a residir na aldeia de Querença sob a coordenação do engenheiro João Ministro, com o objetivo de no período de 09 meses por em prática as metas do projeto.

### **Análise dos Arranjos Produtivos**

Para a obtenção dos dados apresentados a seguir, utilizamos como ferramenta o roteiro de ‘Avaliação de Empreendimentos Rurais Comunitários’ descritos no projeto “*Vivências Brasil*” do Ministério do Turismo (2009, p. 10), adaptado à realidade portuguesa, como descrita na metodologia.

Modelo de Gestão – Cada iniciativa segue uma postura que seja mais adequada ao seu desenvolvimento, no entanto podemos dizer que o ponto comum entre eles diz respeito ao envolvimento do maior número de parceiros, agregando as várias etapas da produção até chegar ao produto final. O impacto, portanto, é sentido nas diversas camadas, gerando uma maior dinamização entre os envolvidos em um modelo de gestão participativa. As redes de apoio e as parcerias do capital

social existente na proposta de PQ (equipe, comunidade e parceiros) demonstram a perspectiva de Bourdieu (1986) quando trata do conceito 'capital social' e as ações que desenvolve de forma cooperativa. Nesse sentido, lembramos Guzzatti na sua defesa (2003; 2010) quanto à necessidade de grupos minoritários participarem de arranjos produtivos (agrícolas e turísticos) sempre de forma coletiva de modo a amenizar os custos da cadeia de produção e venda que pode ser caro individualmente, mas, ter seus custos amenizados quando em parceria.

Aspectos de Infraestrutura – A análise dessa categoria leva em consideração que o PQ não possui estrutura física própria. Na maioria das vezes suas atividades são desenvolvidas em praça pública, na natureza (trilhas) e para fins de cursos, palestras, atividades em escritório e reuniões, são utilizadas as instalações das entidades parceiras. Kalita (2010) reforça que é comum as propostas comunitárias adquirirem um espaço mais permanente para suas atividades quando já consolidados, contudo, o preparo da comunidade para a função de anfitriã, bem como o uso constante de espaços da rede de parceiros é parte das ações de base comunitária de projetos com este perfil. Importante ressaltar que embora sem espaço próprio, o PQ sempre manteve na aldeia um local mais ou menos permanente para a realização de reuniões e atividades técnicas. Em virtude da formação da cooperativa e da possibilidade desta gerir uma incubadora, a Câmara Municipal de Loulé proprietária do edifício, irá ampliar esse espaço, colocando à disposição do projeto duas salas, copa e cozinha, com acesso a banheiros.

Certificação e Segurança – a confiança e o respeito adquirido pelo PQ, fruto do caráter e idoneidade da equipe no desenvolvido das atividades, agrega credibilidade aos produtos e serviços ofertados, desta forma, o próprio projeto se configura como selo de qualidade e certificação, ainda que informal, e o mesmo ocorre a seus parceiros. No quesito segurança, existe um seguro para a integridade física dos estagiários, avaliação médica para os participantes do Trail Running além de postos de abastecimentos de alimentos e bebidas e uma equipe de resgate e socorristas. Constatamos também o cumprimento das exigências estabelecidas pelas leis trabalhistas portuguesas e pela Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE) na confecção das barras de cereais nos laboratórios da UALG e na Pastelaria Amendoal. Para Maldonado (2006) tais ações são fundamentais para

evitar problemas de imagem em função da falta de segurança e outros problemas comuns em empreendimentos comunitários, especialmente quando em área rural.

**Formação e Qualificação** – A gênese do PQ por si só responde essa questão, por ser uma proposta de intervenção do território através da inserção de uma equipe de jovens licenciados da UALG; da realização de reuniões que não se restringem à formação e qualificação da equipe, uma vez que o PQ teve como base de organização da sua proposta, reuniões com a comunidade para consultar sobre suas prioridades, antes de elaborar suas estratégias de ação, essas reuniões ficaram conhecidas como Fóruns da Aldeia; para além existe o costume de reunir a população para apresentar os novos arranjos, os parceiros, membros novos que se integram a equipe ou a presença de outros investigadores ou organizações que desejam estabelecer novos formatos de parcerias como a *LEAD International*. Essas reuniões servem também como momentos de convívio e de fortalecimento das relações, socioculturais, algo importante em zonas com riscos de desertificação (SILVA, 2013). Segundo Maldonado (2006), formação e qualificação favorecem a autogestão e possibilita que as pessoas saibam quais procedimentos devem seguir para profissionalizar seus empreendimentos e torná-los competitivos.

**Envolvimento da Comunidade** – O PQ tem como princípio básico o envolvimento dos jovens com a comunidade, sem que exista uma imposição de estratégias e ações a serem desenvolvidas, a dinâmica empregada, busca estimular o envolvimento e a participação da comunidade para que juntos possam entender os problemas, reconhecer os recursos em potencial e buscar soluções viáveis em conjunto. O PQ concede aos representantes da Casa do Povo através do Fórum da Aldeia, a função de coordenação local e assegura a comunidade um papel fundamental na tomada de decisão. A população age como consultora e conseqüentemente fornece informações sobre sua realidade e os principais problemas enfrentados. O interessante é que também cabe a esta população, guiar as ações de integração e utilização das atividades tradicionais e do saber-fazer como recursos que incentivam e promovem a produção de arranjos produtivos de acordo com as crenças culturais locais. Ou seja, todo o processo se desenrola de forma endógena, através da inserção da comunidade local (pública e privada) e da troca constante de 'saberes e fazeres' entre todos os atores envolvidos, que segundo Sampaio (2005) é fundamental nos projetos de base comunitária, premissa

esta construída a partir do conceito de capital social de Bourdieu (1980) enquanto um fenômeno coletivo, com base nos recursos reais e potenciais de pessoas de um dado grupo que se unem através de ligações permanentes e úteis.

Aspectos de Parcerias – O núcleo organizacional do PQ é composto por três eixos estruturantes: acadêmico (Universidade do Algarve), público (Câmara Municipal de Loulé e Junta das Freguesias Querença, Tôr e Benafim) e promotor (responsabilidade de diferentes instituições ao longo dos anos – Fundação, Manuel Viegas Guerreiro, Proactivetur e a Cooperativa QRER). Todavia, é prudente entender que mais do que a formação de uma articulação entre parceiros que desenvolvem atividades que se complementam na prática, a rede se caracteriza pela promoção de ideias e pensamentos que buscam a sustentabilidade e divulgação de iniciativas transformadoras, uma interação e integração no intuito de apoiar, divulgar e estimular ações de cunho sociocultural e ambiental inclusive de outros parceiros. Esse discurso corrobora com Guzzatti, Sampaio e Coriolano, (2013) que demonstram como os arranjos produtivos associados ao turismo são caracterizados: pela formação de redes e parcerias solidárias como uma ação de resistência das comunidades frente ao turismo de massa; e como forma de tornar público os problemas e reivindicações de um determinado grupo social e trazer à tona para debate os interesses e anseios dessas comunidades que muitas vezes tem como principal desafio garantir sua sobrevivência e continuidade.

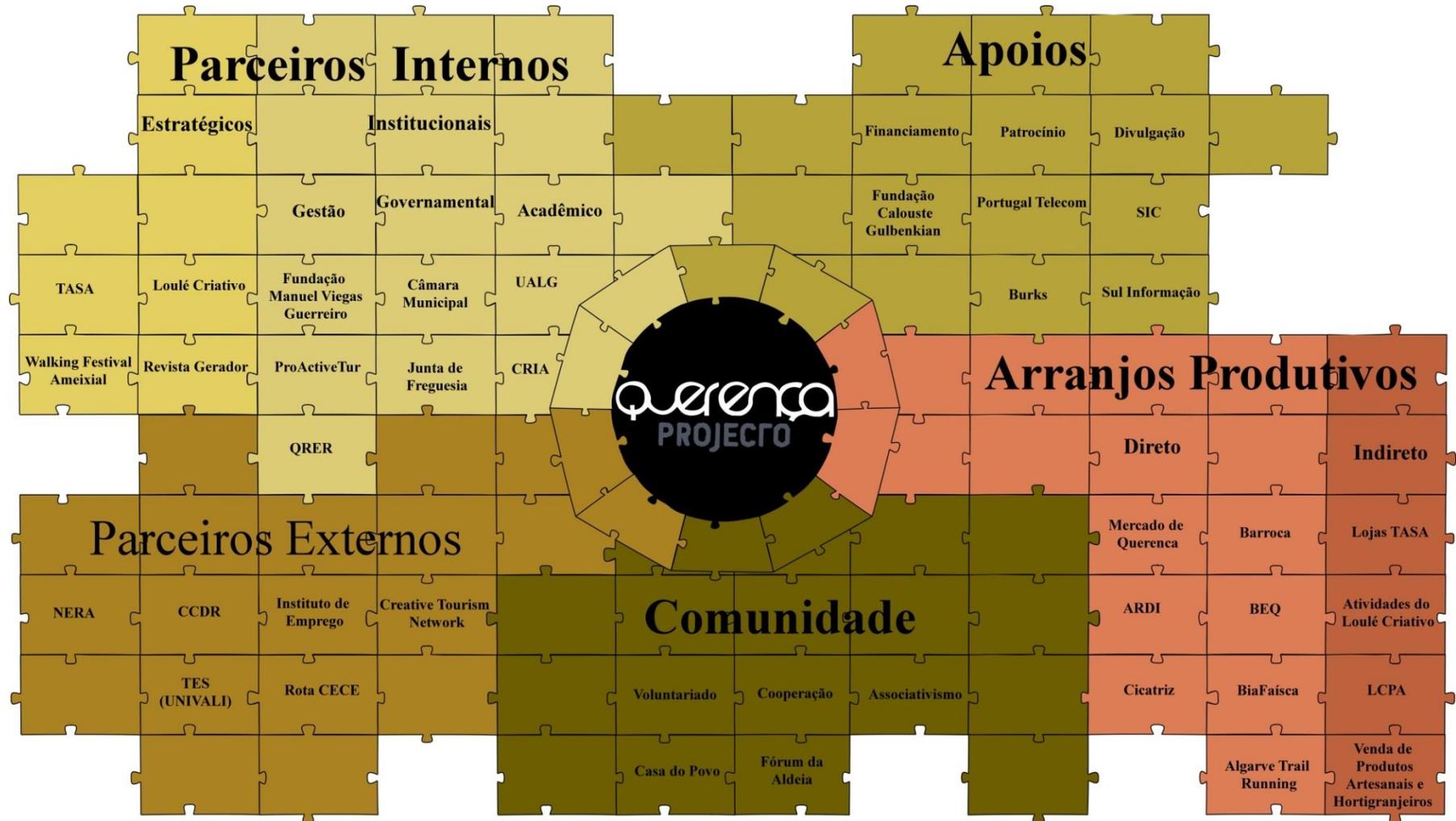
### **A Rede de Parceiros do *Projecto Querença***

A junção de todos esses elementos em torno do PQ possibilita a formação de uma estrutura diferenciada que leva a composição de uma rede informal de parceiros. Esse tipo de estrutura, segundo Garcia (2012) é possível quando há interconectividade através de múltiplos canais de relacionamentos que vislumbram o mesmo propósito: desenvolvimento local via inovação e colaboração mútua, além de romper com algumas estruturas tradicionais. Todavia, nas redes informais, faz-se necessário que fique bastante claro o papel de cada organização e seus componentes. Mas, a conexão e o grau de participação do parceiro e seus membros dependem do grau de adesão à proposta entre os parceiros. Em algumas parcerias a necessidade de vínculos diretos e pontes entre elas são fundamentais, em outros

o vínculo indireto é suficiente para determinadas ações. Os elementos periféricos, por sua vez, possuem mais ligações com grupos externos à rede, o que pode estimular novas conexões. De uma forma geral, é importante que se esclareça que não existem nas redes informais estruturas fixas para representar as entidades e seus membros na rede formada, tendo em vista o ininterrupto movimento das relações, em permanente estado de mutação.

Na figura 02 mostramos como observamos a representação gráfica da construção da rede de parcerias do PQ. Como é uma rede em construção contínua pode ser alterada de acordo com as necessidades e especificidades de cada relação ou atividade desenvolvida. Nesse sentido, a ilustração não pode e não deve ser entendida como um modelo fixo da rede do PQ. Em função desses aspectos, optamos por desenhar a rede sob o viés de um infográfico fazendo analogia a um quebra-cabeça onde cada peça assume seu local de encaixe de acordo com a relação entre seus membros. Porém, dada a realidade atípica, maleável e flexível do PQ essas peças possuem inclusive a possibilidade de vir posteriormente a assumir outra posição ou até mesmo serem alteradas e substituídas por outras.

Figura 02: Desenho da Rede do *Projecto Querença*



Fonte: CUNHA LIMA (2016)

Vale mais uma vez ponderar que o grande objetivo da rede é o desenvolvimento das pessoas e das propostas que impulsionam a melhoria da coletividade, portanto, toda iniciativa que surge é incentivada, a progredir e buscar os recursos que forem necessários para sua execução. Nesse sentido quanto mais parceiros (internos e externos), apoios e inserção dos membros da comunidade uma pessoa ou proposta alcançar e que venha a beneficiar o desempenho da sua atividade, melhor é.

Não existem amarras trabalhistas ou imposição para que uma determinada pessoa só possa atuar em um grupo específico. Pelo contrário, ao mesmo tempo em que um artesão faz parte do Mercado de Querença no PQ pode passar a trabalhar para o TASA ou para qualquer outra entidade da rede. Em resumo, a rede se configura em peças que se unem para promover o desenvolvimento de todos, podendo assumir novos formatos e buscar novos parceiros e apoios sempre que necessário para estimular o crescimento de um membro ou de vários, uma vez que se entende que o crescimento das pessoas pode levar ao crescimento do grupo e conseqüentemente da comunidade. Estimular o crescimento de um membro é impulsionar e fortalecer a rede e conseqüentemente é agir de modo a consolidar o desenvolvimento da região.

A postura que rege a construção da rede do PQ não se faz apenas direcionando esforços para a melhoria da aldeia de Querença, a ideia é que os parceiros entendam que determinadas ações favorecem de forma global o despertar de uma consciência para um trabalho conjunto com ações concretas que estimulem melhorias para todos, ultrapassando o viés econômico e atingindo o bem-estar e a qualidade de vida das populações.

## **O Desenvolvimento na Escala Humana em Querença**

Inicialmente ressaltamos que o modelo de desenvolvimento proposto por Max-Neef, Elizalde e Hopenhayn (1986) não tem como foco central o crescimento econômico puro e simples, embora esta dimensão econômica se faça presente, não assume uma perspectiva exclusiva ou excludente. O cerne da questão está relacionado à criação de condições para um rol de atividades e arranjos produtivos que possibilitem a construção constante da expansão da liberdade por

meio da melhoria da qualidade de vida das pessoas. Ressaltamos ainda que este processo não ocorre de forma linear, podendo apresentar diversos formatos de acordo com os indivíduos envolvidos em cada etapa. Bem como suas ações não se limitam a impulsionar novos arranjos produtivos e gerar emprego e renda, atua de forma a criar condições viáveis que venham a estimular melhorias também no âmbito pessoal.

Desse modo a atividade turística passa por uma humanização e se reescreve enquanto arranjo produtivo. Para Richards (2010), são mudanças dessa ordem que estimulam o turismo criativo, um segmento capaz de mudar a configuração com que o turismo vem sendo desenvolvido e além de dar um novo contributo, diversifica e inova as experiências de viajar. Com relação aos relatos de Sampaio (2005), Coriolano (2006; 2009b) e Guzzatti (2003; 2010) observamos que o turismo enquanto uma atividade econômica está admitindo uma nova dinâmica no seu modo de vender serviços e produtos a turistas. Não se nega o que já se construiu, mas, se repensa o modo de fazer turismo com base na economia local de territórios e comunidades de cultural tradicional.

Sob essa ótica, observamos que o PQ apresenta um nível de impacto social grande quando mostra a reorganização do grupo, que passa a ter um sentido de pertencimento, de 'congregação' criada para o coletivo e não para um ou dois membros da comunidade. Segundo Hall (1992), um dos fatores preponderantes para que isto ocorra é a inserção do viés do turismo nas ações locais. A atividade turística enquanto uma atividade que serve para expor e apresentar a cultura de um povo, pode estimular a participação da comunidade levando ao fortalecimento da identidade do grupo e gerar uma valorização das tradições, saberes e ofícios. Stein e Anderson (1999) salientam que o turismo proporciona uma coesão social que favorece a troca de ideias e a partilha do conhecimento sobre sua própria cultura. Esses aspectos são evidenciados no caso do PQ, ao observarmos que o fortalecimento da identidade da comunidade origina ações que impulsionam a criação de novos arranjos produtivos sob o viés do turismo, com base nos recursos naturais e culturais existentes na aldeia, estimulando a troca de experiências, a valorização dos saberes das pessoas e promovendo a permanência das mesmas na localidade.

Ao observar com mais atenção os resultados atingidos até o momento pelo projeto, entendemos que suas atividades possuem um amplo espectro de

atuação. Seria limitado enxergar apenas impactos positivos na introdução de um novo capital social representado pela chegada dos jovens a aldeia de Querença, ainda que estes possam desenvolver novas atividades produtivas junto ao PQ. A compreensão da dinâmica cultural local e do próprio projeto será importante para que o grupo se insira e se sinta parte dos processos de construção existentes no território. Sousa, Santos e Avritzer (2002) mostram como podem ser ambíguas e vulneráveis as participações em propostas voltadas ao desenvolvimento local com pessoas de fora. Estas precisam se sentir parte do processo, um participante efetivo do lugar, da história local com suas necessidades e anseios. Faz-se necessário segundo os autores, uma mobilização que não se constrói de um dia para o outro.

O PQ pode ser entendido como uma proposta em construção e o Mercado de Querença e os demais arranjos produtivos, são produtos que ainda passam por avaliações para serem de fato consolidados. Como apontam Covas e Covas (2014) são arranjos cognitivos, espaços de aprendizado sobre o envolvimento participativo de todos os seus operadores. Embora a aldeia precise ampliar seus ganhos econômicos para continuar existindo, a forma e a dinâmica das pessoas na organização e gestão dos arranjos produtivos do PQ, demonstram que neste momento os ganhos que se fazem sentir como mais importantes dizem respeito muito mais a realização de um trabalho cooperativo e práticas de sociabilidade, do que financeiro algo inexistente em modelos econômicos convencionais (SOUSA SANTOS; RODRIGUEZ, 2002).

Desse modo, o comprometimento de todos em ações de cooperativismo e associativismo podem gerar benefícios mútuo, em especial como descrito por Okazaki (2008) com a criação de redes e parcerias cujo mecanismo essencial para o desenvolvimento sustentável seja particularmente comunitário. E mesmo quando há um afastamento das esferas governamentais Wiesinger (2007) aponta que o capital social passa a agir de forma a substituir esses serviços e age como motriz para o desenvolvimento de uma rede multifuncional não pública.

Na perspectiva de uma rede mais completa com parceiros institucionais públicos e privados, o PQ conseguiu de forma ampla garantir a todos os parceiros os seguintes elementos: oportunidades, convívios e pertencimento cultural. A oportunidade está associada a novas formas de negócio para o desenvolvimento econômico na aldeia. Essa medida evita que as pessoas procurem ocupar postos

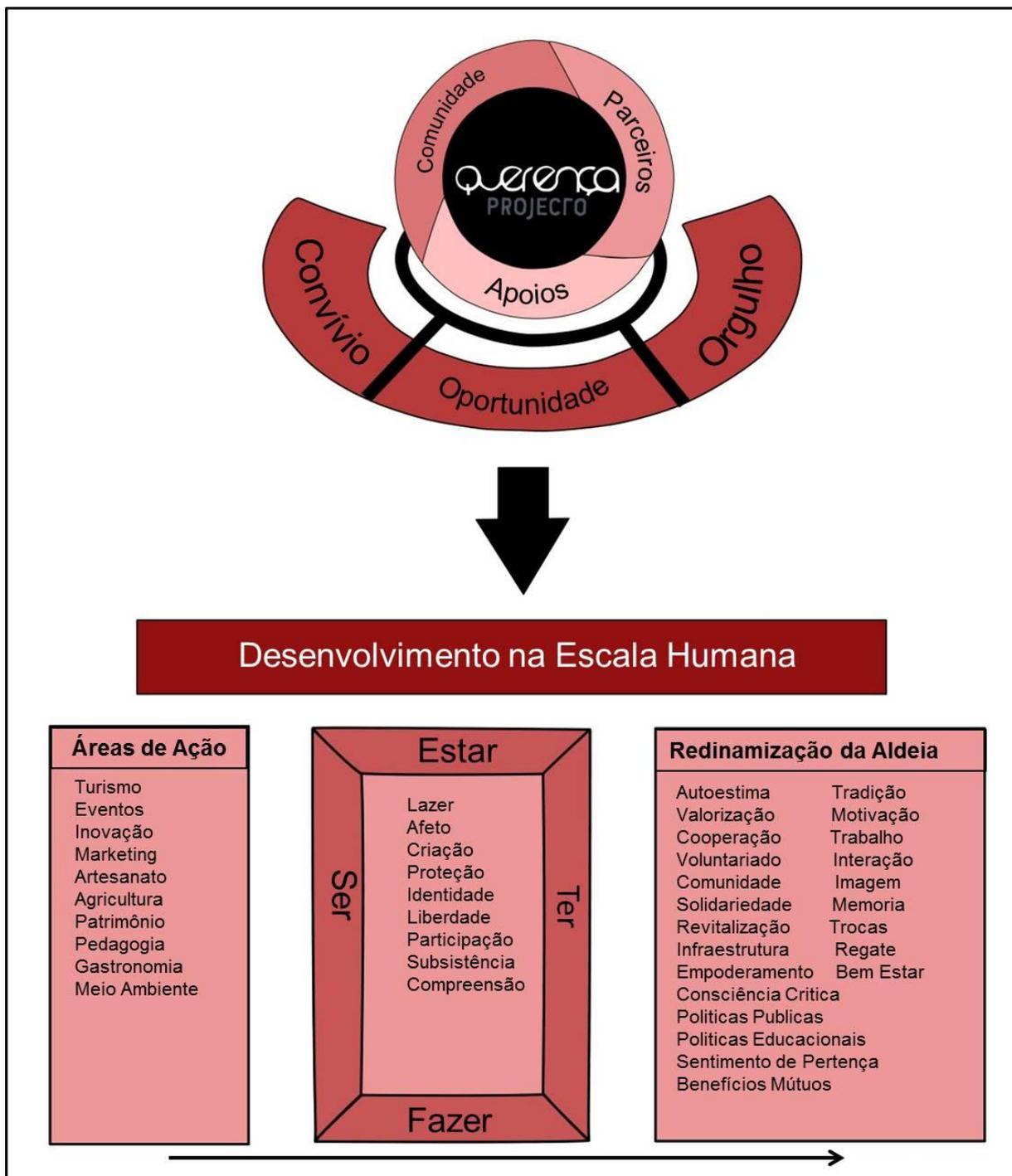
de trabalho fora da aldeia. Mais do que um crescimento econômico, as pessoas percebem que não precisam abrir mão de viver em sua terra natal e que podem exercer atividades prazerosas e rentáveis. Embora Fonseca (2014) e alguns informantes não vejam Querença como uma aldeia isolada em função de sua proximidade com Loulé. Existia antes do PQ um isolamento social, especialmente em função de sua configuração urbana. Os residentes encontram-se predominantemente espalhados pela freguesia e apenas uma pequena parcela está concentrada na área central (na aldeia) em torno da igreja. O distanciamento é agravado pelo envelhecimento populacional e a reclusão de muitas pessoas ao ambiente da casa e/ou o fato da maioria da população jovem ter se mudado para outras cidades e as que permaneceram passaram grande parte do tempo fora da aldeia em seus trabalhos em Loulé e cidades vizinhas.

O PQ, portanto, promove não apenas a criação de novos arranjos produtivos que favorecem a permanência da população na aldeia, mas também o convívio e a sociabilidade nas várias atividades promovidas no mercado ou em ações nascidas deste arranjo. O estímulo e a promoção do convívio entre as pessoas cria uma nova dinâmica para a comunidade e atrai visitantes.

As questões relacionadas ao pertencimento cultural se transformam em orgulho de nascer e pertencer à aldeia de Querença. O reconhecimento, a valorização e o resgate das tradições culturais gera autoestima, que estimula e fortalece a comunidade. De ânimos renovados se ampliam as ações que mantêm a história viva, o saber-fazer oriundo das tradições ancestrais como forma de garantir a sobrevivência e dessa forma alterar os efeitos históricos negativos que o território sofreu ao longo dos anos.

Nesse sentido, os três itens apresentados pelos entrevistados (oportunidade, convívio e pertencimento cultural/orgulho) apresentam desdobramentos que fazem cumprir as correlações entre as categorias ontológicas (ser, ter, fazer e estar) e axiológicas (subsistência, proteção, carinho, compreensão, participação, lazer, criação, identidade e liberdade) propostas por Max-Neef (1992; 1998) responsáveis pela satisfação das necessidades individuais e coletivas, reforçando a ideia de que o PQ pode atingir o desenvolvimento em escala humana, como representado na figura 03.

Figura 03: Representação do Desenvolvimento em Escala Humana de Querência



Fonte: CUNHA LIMA (2016).

Importante ressaltar que assim como a estrutura organizacional da rede é maleável e pode ser reagrupada para buscar outros parceiros e apoios no intuito de atingir as necessidades de novas iniciativas, seus resultados também apresentam a característica de gerar *feedback* e retroalimentar a estrutura existente. Desse modo, tanto a categoria do ‘pertencimento cultural – orgulho’

como a da 'sociabilidade – convívio' podem estimular novas ações e atividades proporcionando o surgimento de novas oportunidades.

Nesse sentido, tanto a rede como os efeitos causados por ela não podem ser visto de forma linear. Com a meta de atingir o desenvolvimento local o PQ assumiu múltiplos caminhos com a admissão de diferentes formatos, desde que obedecem ao princípio básico de que sejam baseados nos recursos endógenos e a partir de ações que busquem a integração e a cooperação da comunidade para o bem comum. Sob esse aspecto, devemos salientar também que os elementos chave (convívio, oportunidade e orgulho) apresentados nas falas dos informantes são reflexos diretos do poder aglutinador e dinamizador das novas iniciativas desenvolvidas na aldeia de Querença, o que configura os arranjos produtivos como o principal vetor de transformação e desenvolvimento para a comunidade e para a região.

Neste universo, o turismo ao nosso ver é o arranjo produtivo mais forte do ponto de vista econômico e do ponto de vista de recuperação da história cultural do território. A ecossocioeconomia que Sampaio e colaboradores (2010) em que se discutem a união dos elementos sociais e naturais para criar novas dinâmicas produtivas em território pequenos, rurais e tradicionais, é usualmente solicitada por quem atua no turismo numa perspectiva comunitária.

Dessa forma, tomando como base todas as características apontadas pela literatura brasileira e internacional, as principais contribuições do nosso estudo vêm ser: em primeiro lugar a confirmação de que este é o modelo praticado e desenvolvido em Querença, e em segundo momento por apresentar um novo olhar até então não presente na literatura, que é o viés do desenvolvimento na escala humana, segundo Max-Neef (2005; 2003) que em pesquisas futuras poderá ser trabalhado não apenas com dados qualitativos, como fizemos nesta pesquisa, mas também, com dados quantitativos.

## Conclusão

O artigo descreve um estudo qualitativo de cunho etnográfico realizado no Algarve sobre as influências do processo de intervenção na aldeia de Querença através das ações do *Projecto Querença* (PQ). O propósito central da atividade é o de reverter à situação de desertificação populacional e a falta de oportunidades econômicas na localidade e desse modo estimular uma nova realidade socioeconômica com a proposição de um novo modelo de crescimento sustentável, alinhando o ganho econômico ao desenvolvimento na escala humana e local, e desse modo propagar seus efeitos para toda a região.

Os arranjos produtivos que se formam via PQ unem agricultura a contemplação da paisagem cênica e observação de pássaros; ou agricultura com gastronomia. Todos estes permeando preocupações relacionadas à alimentação saudável, aos mecanismos de produção orgânica; e/ou caminhadas associadas a atividades físicas, questões culturais, elementos históricos, novas técnicas e inovações relacionadas ao patrimônio, à fotografia e artesanato. Nesse universo o turismo permeia diversos segmentos e nichos com a adoção de distintas denominações tais como: turismo cultural, de natureza, criativo e de experiência.

Nesse sentido, entendemos que ainda se faz necessário uma adequação do termo a ser utilizado. No Brasil, segundo as pesquisas aqui realizadas, a proposta ali desenvolvida tem as características do turismo comunitário, visto associar o turismo a atividades como a agricultura, artesanato e culinária tradicional. Outra característica que confirma o teor comunitário do turismo praticado em Querença é a forma como os idealizadores do PQ fazem a gestão do turismo pautada no respeito ao meio ambiente e tratando como primordial as alianças e relações entre as pessoas, num caráter de humanidade, compaixão e empatia, uma vez que do mesmo modo que o crescimento individual favorece o crescimento da coletividade, todos são afetados negativamente quando seus semelhantes são diminuídos e oprimidos. Com bases comunitárias e o olhar em um desenvolvimento humano e não apenas econômico, o *Projecto Querença*, além de abrir espaço para novas possibilidades, empodera os indivíduos e promove mudanças concretas no território ao confrontar modelos arraigados na região e contrapor os interesses de grupos dominantes.

De forma resumida, podemos apontar como principais resultados diretos do *Projecto Querença*, a criação de arranjos produtivos (ARDI, ATR, Barroca, BEQ, BiaFaísca, Cicatriz e Mercado de Querença); a formação da uma rede de parcerias (TASA, Loulé Criativo, UAIG, Autarquias e Órgãos Governamentais); e a alteração da realidade dos indivíduos ao promover uma proposta de desenvolvimento em escala humana e local (por meio de Oportunidades, Convívio e Orgulho), que para além de proporcionar novos ganhos econômicos, estimulam a manutenção da infraestrutura básica (escola, posto de saúde, transporte, entre outros) da aldeia, diminui o isolamento social enfrentado pela comunidade. Por fim concluímos também que este formato de proposta que alia o desenvolvimento de um modelo, a exemplo do turismo comunitário, quando articulado coletivamente, levando em consideração toda a comunidade, valorizando e respeitando a cultura e os recursos locais, auxilia na discussão e elaboração de políticas públicas importantes não só para o turismo, mas que atingem outras áreas e dimensões sociais.

## **NETWORKS AND ARRANGEMENTS FOR HUMAN SCALE DEVELOPMENT:**

### **THE *PROJECTO QUERENÇA* CASE**

**Abstract:** This paper presents the results of the doctoral thesis on the analysis of the formation of networks and partnerships in the organization of touristic productive arrangements by the *Projecto Querença* and its contribution to the human scale development of the village of *Querença-Portugal*. The methodological approach adopted was an anthropological interpretation, based on Geertz, with procedures for data collecting bibliographical, documentary and human of an exploratory nature. Subsequently the analysis confronted the data collected with the material coming from the observation *in loco*. The results indicate that the formation of networks and partnerships contributes to the formation of productive arrangements of different natures; Individual and collective empowerment leading to sustainable local and human development; Revealed new economic potential respecting the territorial vocation, such as community tourism; And that this format of proposal when articulated collectively assists in the discussion and elaboration of important public policies for tourism and other areas of society.

**Keywords:** Community Tourism. Networks. Productive Arrangements. Local and Human Development.

## Referencias

BARBOSA, L. M. **Redes de Territórios Solidários do Turismo Comunitário: políticas para o desenvolvimento local no Ceará.** Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia, Fortaleza, 2011.

BOURDIEU, P. Le Capital Social. In: **Actes de la Recherche en Sciences Sociales.** v. 31, p. 2-3, 1980.

BOURDIEU, P. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, J. G. (org.): **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education.** New York: Greenwood Press. p. 241-258, 1986.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Vivências Brasil: aprendendo com o turismo nacional 2008/2009.** Brasília: BRATZOA / SEBRAE / MT. 2009.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **O Turismo nos Discursos, nas Políticas e no Combate à Pobreza.** São Paulo: Annablume, 2006.

CORIOLOANO, L. N. M. T. et. al. **Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário: atores e cenários em mudanças.** Fortaleza: EdUECE. 2009.

CORIOLOANO, L. N. M. T. O Turismo Comunitário no Nordeste Brasileiro. In: BARTHOLO; SANSOLO e BURSZTYN. (org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009b.

COVAS, A. M. A.; COVAS, M. M. C. M. A Construção Social dos Territórios-rede da 2ª Ruralidade: dos territórios-zona aos territórios-rede construir um território de múltiplas territorialidades. In: **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n.º 3 (Junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Pág. 43 a 66, 2013.

COVAS, A. M. A.; COVAS, M. M. C. M. **Os Territórios Rede: a inteligência territorial da segunda ruralidade.** Lisboa: Edições Colibri, 2014.

CUNHA LIMA, F. B. **Projecto Querença: redes e arranjos produtivos turísticos no desenvolvimento local e humano de Querença-Portugal.** 2016. 240 f. Tese (Programa de Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria). Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2016.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: ARTMED, 2006.

FERNANDES, S. P. F. **Mercado de Querença – ao encontro do marketing de experiências 2013.** Mestrado em Marketing. Universidade do Algarve, Faculdade de Economia. Faro, 2013.

FONSECA, C. I. J. **De Volta à Terra? Desenvolvimento e Revitalização o Rural – um estudo de caso no sul de Portugal.** Programa de Pós-graduação de Ciências

Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2014.

FUNDAÇÃO MANUEL VIEGAS GUERREIRO (FMVG). **Da Teoria a Ação:** empreender o mundo rural. Proposta. Querença, 34 slides. 2011.

GARCIA, I. Uma Visão Antropológica das Redes Sociais. In: **Harvard Business Review Brasil**. São Paulo: Ed. RFM, Janeiro, 2012.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOODE W. J.; HATT P. K. **Métodos em Pesquisa Social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

GUZZATTI, T. C. **O Agroturismo como Instrumento de Desenvolvimento Rural:** sistematização e análise das estratégias utilizadas para a implementação de um programa de agroturismo nas Encostas da Serra Geral Catarinense. 2003. 168 f. Mestrado em Engenharia de Produção – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

GUZZATTI, T. C. **O Agroturismo Elemento Dinamizador na Construção de Territórios Rurais:** o caso da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia em Santa Rosa de Lima (SC). 2010. Tese. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

GUZZATTI, T. C.; SAMPAIO, C. A. C.; CORIOLANO, L. N. M. T. Turismo de Base Comunitário em Territórios Rurais: caso da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC). In: **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, jan/abril, p. 93-106, 2013.

HALL, C. **Hallmark Tourist Events:** Impacts. Management and Planning, Chichester: John Wiley, 1992.

HOENER, J. M. **Géopolitique du tourisme**. Paris: Éditions Armand Colin. 2008.

KALITA, S. A Journey of Empowering a Community for Self-Reliance: Endogenous Tourism Project. Sualkuchi, Assam, India. In: **Field Actions Science Report**, v. 4, n. 1, p. 45 – 58, 2010.

MALDONADO, C. Negócios Turísticos com Comunidades – NETCOM. Manual del Facilitador. Módulo 3. **El Turismo Comunitário em América Latina**. p. 11. Quito: OIT-REDTURS, 2006.

MAX-NEEF, M. Development and human needs. In: Ekins, P.; Max-Neef, M. (org.), **Real Life Economics**. Routledge, London, UK, p. 197–214, 1992.

MAX-NEEF, M., **El Desarrollo a Escala Humana** (2nd ed.). Nordan and Icaria, Barcelona. 1998.

MAX-NEEF, M. Empoderamento de Comunidades e Desenvolvimento Alternativo. In: **Pedagogia Social**. São Paulo, v. 17, n. 02, p. 1-3, 2003.

MAX-NEEF, M. Foundations of transdisciplinarity. In: **Ecological Economics**, Valdivia, v. 12, n. 53, p. 5-16, 2005.

MAX-NEEF, M.; ELIZALDE, A.; HOPENHYAN, M. Desarrollo a Escala Humana: una opción para el futuro. In: **Development Dialogue**. Uppsala – Suécia: Cepaur-Dag Hammarskjöld Foundation. 1986.

PARENT, S. ; KLEIN, J. L. ; JOLIN, L. Le Développement Communautaire Local et le Tourisme Communautaire: une analyse conceptuelle comparative. In: **Journal for Communication Studies**, v. 4, n. 1, p. 73-89. 2009.

OKAZAKI, E. A Community-Based Tourism Model: Its conception and Use. In: **Journal of Sustainable Tourism**, v. 16, n. 5, 2008.

RICHARDS, G. Tourism Development Trajectories: from culture to creativity? In: **Tourism & Management Studies** n. 6, p. 9-15, 2010.

SAMPAIO, C. A. C. **Turismo Como Fenômeno Humano**: princípios para se pensar a socioeconomia. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SAMPAIO, C. A. C. et. al. Arranjo Socioprodutivo de Base Comunitária: análise comparativa de experiências de turismo comunitário no Brasil e no Chile. In: SANTOS, C. H. S.; BASSANESI, M. M. R. (org.). **Turismo e Redes**: um novo caminho para a organização no início do século XXI. Caxias do Sul (RS): Educs, 2010.

SANTOS, J. C. V. **Região e Destino Turístico**: sujeitos sensibilizados na geografia dos lugares. São Paulo: All Print Editora, 2013.

SILVA, Y. F.; SILVA, J. A. **Redes e organizações comunitárias do turismo rural no sul do Brasil e Portugal**: suportes e laços para o desenvolvimento local? Faro, 130f. 2013, Relatório (Pós-doutoramento). Faculdade de Economia. Universidade do Algarve: FEUALG, 2013.

SOUSA SANTOS, B. AVRITZER, L. Para Ampliar o Canone Democrático: as vulnerabilidades e ambiguidades da participação. In: SOUSA SANTOS, B. (org.). **Democratizar a Democracia**: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SOUSA SANTOS, B; RODRIGUEZ, C. Um Mapa de Alternativas de Produção: a tradição cooperativa. In: SOUSA SANTOS, B. (org.). **Democratizar a Democracia**: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

STEIN, T.; ANDERSON, D. **Community Benefits Summary**: Ithasca and Tettegouche State Parks, Final Report. St. Paul MN: Department of Forest Resources, University of Minnesota, 1999.

WIESINGER, G. The Importance of Social Capital in Rural Development, Networking and Decision-Making in Rural Areas. In: **Journal of Alpine Research/Revue de Géographie Alpine**, v. 95, n. 4, 2007.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 10/2017

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.